

Relação incubadora de empresas e ação empreendedora

Relationship business incubators to entrepreneurial actions

Fernanda Maria Felício Macêdo¹, Diego Luiz Teixeira Boava²

Resumo

Alguns países posicionam o empreendedorismo como uma prioridade nas políticas governamentais, pois vislumbram que esse é uma ferramenta indutora de inovações tecnológicas capazes de garantir ao respectivo país uma economia competitiva no mundo globalizado. Nesse contexto, são criados órgãos de fomento a prática empreendedora como as incubadoras de empresas. A partir dessa realidade, pretende-se analisar a relação existente entre incubadora de empresas e ação empreendedora. Para isso, investiga-se os significados que empresários incubados na Incubadora Tecnológica de Maringá atribuem a sua ação. A relevância desse estudo consiste em abordar a relação incubadora – ação empreendedora empregando-se o referencial teórico metodológico baseado no pensamento fenomenológico social que se fundamenta na consciência da existência do outro. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com seis empresários da Incubadora Tecnológica de Maringá, sendo os dados analisados segundo a abordagem fenomenológica de Sanders (1982). Destaca-se que não é pretensão desse estudo generalizar seus resultados, mas, todavia, abordar a temática em questão a partir de um referencial centrado na subjetividade humana.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Fenomenologia Social. Incubadora de Empresas.

Abstract

Some countries locate the entrepreneurship as a priority in the governmental politics, therefore they glimpse that this is an inductive tool of technological innovations capable to guarantee to the respective country a competitive economy in the globalizado world. In this context, promotion agencies are created the practical entrepreneur as the business incubator. From this reality, it is intended to analyze the existing relation between business incubator and entrepreneurship action. For this, one investigates the meanings that entrepreneurs incubation in the Technological Incubadora of Maringá attribute its action. The relevance of this study

¹ M.Sc. em Administração – UEL / Professora do Instituto de Ensino e Pesquisa Objetivo. E-mail: profamacedo@yahoo.com.br (63)3213 3024.

² Professora da Escola Técnica Federal de Palmas. E-mail: profboava@yahoo.com.br (63)3213 3024

consists of approaching the relation incubation - entrepreneurship action using the based metodological theoretical referencial in the social phenomenology thought that if it bases on the conscience of the existence of the other. Semi-structured interviews were conducted with six entrepreneurs of the Technological Incubator of Maringa, and the data were analyzed from the principles of the phenomenological approach of Sanders (1982). It is distinguished that it is not pretension of this study to generalize its results, but, however, to approach thematic in question from a referencial centered in the subjectivity human.

Keywords: Entrepreneurship. Social Phenomenology. Business Incubator.

Introdução

Atualmente, as discussões acerca do empreendedorismo e seus desdobramentos encontram-se em voga devido principalmente às indicações que apontam ser o esse um dos mais significativos fatores críticos de sucesso para o desenvolvimento econômico, geração de renda e riqueza para as nações.

Devido a esses fatores críticos foram criados vários programas e órgãos de apoio à prática empreendedora. Dentre esses, pode-se citar as incubadoras de empresas que visam gerar um ambiente propício para o desenvolvimento de ações empreendedoras, através do incentivo à inovação.

Nesse cenário, busca-se abordar a relação existente entre ação empreendedora e incubadora de empresas. Para isso, faz-se necessário desvelar os significados que os empresários incubados atribuem a sua ação empreendedora. O *locus* da pesquisa é a Incubadora Tecnológica de Maringá, sendo a investigação pautada nos pressupostos da fenomenologia social, que afirma que a ação é a vivência do fenômeno.

1 Incubadora de empresas

O que é uma incubadora de empresas? Para responder a essa questão, é necessário explicar o conceito de incubar. Etimologicamente, o termo vem do latim *incubo* e significa “estar deitado em ou sobre, estar estendido em ou sobre”. Sua origem em português é 1540. O termo tem relação também com o verbo latino *incubare*, do século XIV, e que significa “estar deitado sobre”. Já a incubadora surge em 1873, originado de *incubador* + -a (HOUAISS, 2001, p. 1600).

Apenas a descrição etimológica não é suficiente para esclarecer a questão, mas fornece subsídios importantes. Modernamente, o sentido de incubar relaciona-se com o ato de se manter um ente criado em incubadora por tempo determinado e mediante certas condições adequadas e controladas, visando seu desenvolvimento e surgimento. Ou seja, dar assistência à criação e manutenção da vida.

Essa observação é pertinente devido à “casualidade histórica” que acompanhou o surgimento e efetivação do sentido do termo incubadora de empresas. Em fins dos anos 1950 a Massey-Ferguson, a maior indústria de Batavia, Nova Iorque, fechou as portas e deixou vazio um galpão de aproximadamente 80.000 metros quadrados e gerou um desemprego elevado na região, da ordem de 20 por cento. A família Mancuso, influente e dotada de recursos, compra o complexo e encarrega Joseph Mancuso, então um gerente de loja de ferragens, da tarefa de criar opções para fazer dinheiro com esse investimento (NBIA, 2006).

A primeira tentativa foi a de encontrar uma única companhia para alugar a planta, mas não obteve sucesso, então, decidiu-se por dividir o edifício e alugar para várias empresas, fornecendo e compartilhando serviços de escritório, auxiliando com levantamento de capital e fornecendo conselhos de negócio. Depois de certo tempo, Mancuso já tinha recrutado seus primeiros moradores, incluindo um produtor de vinhos, uma organização de caridade e um aviário. E foi por causa do aviário que as pessoas começaram a chamar o prédio de incubadora de empresas (NBIA, 2006).

Assim, de forma espontânea e casual, surge e se consolida o termo. Ressaltando que ao invés de se incubar uma bactéria, um ovo ou uma planta, a incubadora de empresas está lidando com pessoas jurídicas.

Destaca-se que essas pessoas jurídicas são constituídas por empreendedores, que coabitam em um espaço em que há a indução da prática empreendedora, especialmente planejado para tal. As incubadoras podem ser de diversas modalidades, a depender do tipo de empresa que se pretenda oferecer apoio e suporte. O quadro a seguir traz os principais tipos de incubadoras, conforme a finalidade estatutária e comercial da empresa incubada.

Este intróito foi importante para ressaltar que a questão é recente; plena de possibilidades. Como fenômeno recente, as incubadoras estão em fase de definições conceituais, a exemplo do que ocorre com aspectos teóricos do empreendedorismo. O quadro a seguir apresenta algumas definições.

Tecnológica	Abriga empresas cujos produtos, processos e serviços resultam de pesquisa científica.
Tradicional	Abriga empreendimentos ligados aos setores da economia que detêm tecnologias difundidas e que querem agregar valor aos seus produtos, processos e serviços.
Mista	Abriga empresas de base tecnológica e tradicionais.
Setorial	Abriga empreendimentos de apenas um setor da economia.
Cultural	Abriga empreendimentos da área de cultura.
Agroindustrial	Abriga empreendimentos de produtos e serviços agropecuários.
Cooperativa	Apóia cooperativa em processo de formação e/ou consolidação instaladas dentro ou fora do município.
Social	Abriga empreendimentos oriundos de projetos sociais.
Rural	Apóia empreendimentos localizados em áreas rurais por meio de prestação de serviços, formação e capacitação, financiamento e divulgação.
Virtual	Oferece aos empreendedores todos os serviços de assessoria e apoio, mas normalmente não oferece espaço físico e infra-estrutura compartilhada.

Quadro 1 Tipos de incubadora

Fonte: adaptado de Nassif e Carmo (2005)

Morais (2001)	Mecanismo de estímulo e apoio à criação e ao desenvolvimento de empreendimentos inovadores sustentáveis.
Spolidoro (1999)	Ambiente que favorece a criação e o desenvolvimento de empresas e produtos inovadores.
Lalkaka e Bishop (1996)	Ambiente de trabalho controlado adequado para auxiliar o crescimento de novas empresas emergentes.
Medeiros (1992)	Um núcleo que abriga, usualmente, micro-empresas de base tecnológica.
Nadas <i>et al.</i> (1991)	Uma estrutura compartilhada por empresas com suporte administrativo centralizado.

Quadro 2 Conceito de incubadora

Fonte: adaptado de Nassif e Carmo (2005)

Porém, tais definições necessitam de aprofundamento. Nesse sentido, Smilor (1987, p. 146) a definiu como:

... uma instalação planejada para apoiar o desenvolvimento de novas empresas. Ela provê uma variedade de serviços e apoio ao *start-up* das empresas com uma clara preferência por aquelas de alta tecnologia e indústrias manufatureiras leves. A incubadora procura unir efetivamente talento, tecnologia, capital e conhecimento, para alavancar o talento empreendedor, acelerar a comercialização de tecnologia e encorajar o desenvolvimento de novas empresas.

Já Dornelas (2002, p. 21) acredita que uma incubadora de empresas é:

... um mecanismo – mantido por entidades governamentais, universidades, grupos comunitários etc. – de aceleração do desenvolvimento de empreendimentos (incubados ou associados), mediante um regime de negócios, serviços e suporte técnico compartilhado, além de orientação prática e profissional.

Estabelecidas essas duas definições orientadoras do que seja incubadora de empresas, cumpre prosseguir no círculo de compreensão. Como dito anteriormente, esta investigação desenvolve-se com empresários localizados na Incubadora Tecnológica da Universidade Estadual de Maringá. Para esclarecer melhor a questão, deve-se discorrer sobre o conceito de empresa de base tecnológica. Porém, para esclarecer o que seja empresa de base tecnológica é fundamental compreender o sentido de tecnologia. Conforme apresentado na introdução deste trabalho, os estudos sobre a tecnologia estão avançando significativamente, a partir de reflexões filosóficas. Assim, pergunta-se: o que é tecnologia?

Esta questão encerra em si muitas respostas. Poder-se-ia discorrer longamente sobre possíveis respostas, porém o foco aqui são as empresas de base tecnológica. Por isso, deve-se ir direto ao ponto que interessa. O grego é o idioma que utilizou a palavra pela primeira vez: *tekhnología*, ‘tratado ou dissertação sobre uma arte, exposição das regras de uma arte’, formado a partir do radical. *tekhno-* (de *tékhne* ‘arte, artesanaria, indústria, ciência’) e do radical *-logia* (de *lógos*, ou ‘linguagem, proposição’).

Em português, aparece em 1783, significando uma teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana (HOUAISS, 2001, p. 2683).

A resposta está aqui. A tecnologia então pode ser entendida, para fins exclusivamente da pergunta efetuada anteriormente e deste trabalho, como uma aplicação de conhecimentos teóricos em situações práticas, mediante uso de ciência e inovação.

Esclarecido o conceito de tecnologia, cumpre agora discorrer sobre empresa de base tecnológica. Trata-se de uma organização que desenvolve sua atividade através de pesquisas aplicadas, nas quais a tecnologia e a ciência têm papel preponderante, resultando em produtos, processos e/ou serviços inovadores. Exemplos de empresas de base tecnológica são as de biotecnologia, polímeros, cerâmica, informática, microeletrônica, mecânica de precisão etc.

Diversos pesquisadores têm estudado o fenômeno das incubadoras (FURTADO, 1998; LEMOS, 1998; SALOMÃO, 1998; BAËTA, 1999; DIAS e CARVALHO, 2002; DORNELAS, 2002; STAINSACK, 2003).

A produção científica tem se consolidado e propiciado o surgimento de novas investigações na área, de modo interdisciplinar. Todavia, faz-se necessário verificar, em termos mundiais, as experiências relacionadas ao tema.

Em todo o mundo são encontradas incubadoras de empresas de base tecnológica e parques tecnológicos. Nos Estados Unidos elas resultam de diversas ações, principalmente a de se criar um novo ambiente de localização industrial, que permita a transferência de tecnologia da universidade para a indústria, inaugurando, assim, uma relação universidade-empresa incomum.

As incubadoras americanas originam-se de iniciativas de empreendedores privados ou de grupos de investidores interessados em transferir aos novos empreendedores sua experiência e conhecimentos (FURTADO, 1998; LEMOS, 1998).

O fato que impulsionou a criação de incubadoras foi o sucesso da região hoje conhecida como Vale do Silício, na Califórnia, a partir da iniciativa da Universidade de Stanford, que na década de 1950 criara um Parque Industrial e, posteriormente, um Parque Tecnológico. O objetivo era promover a transferência da tecnologia desenvolvida na universidade às empresas e a criação de novas empresas de tecnologia, especialmente do setor eletrônico. O êxito obtido com essa experiência estimulou a reprodução de iniciativas semelhantes em outras localidades, dentro e fora dos Estados Unidos (STAINSACK, 2003).

Por sua vez, na Europa, o movimento de incubadoras iniciou-se na década de 1970, quando surgiram os primeiros parques tecnológicos europeus, em Edimburgo e Cambridge, no Reino Unido, e Sophia Antipolis e Grenoble-Meylan, na França. Esses parques pioneiros voltavam-se para o desenvolvimento regional e contribuíam para a inovação tecnológica, com o apoio ao surgimento de empresas que tinham a tecnologia como insumo principal. Na Europa, observa-se que a população apresenta expectativas diferenciadas; a depender do local de instalação das incubadoras (FURTADO, 1998; LEMOS, 1998). Há basicamente duas expectativas: a preocupação de fortalecer a presença das universidades na região e a possibilidade de geração de empregos com a implantação de novas empresas.

Já a China encontra-se em fase de modernização tecnológica. Assim, as incubadoras estão sendo elemento-chave nesse processo.

As incubadoras do país fornecem parte do capital de risco demandado pelas empresas, caso outras fontes de financiamento não sejam encontradas. Assim, como acionista, a incubadora está envolvida no processo decisório da empresa.

Neste país, a incubadora é uma organização não governamental sem fins lucrativos, cuja função é dar apoio e assistência aos tecnólogos e cientistas que pesquisem e que possuam patentes, com o intuito de se criar novas empresas independentes, fornecendo-lhes instalações e meios imediatos (STAINSACK, 2003).

O Japão também possui experiências na área, com presença de prefeituras fornecendo capital. Grandes grupos empresariais, como Sanyo, Hitachi etc. fazem-se presentes com seus centros de pesquisas (FURTADO, 1998).

O Brasil, por seu turno, apresenta as primeiras incubadoras sendo criadas na década de 1980. Desde então tem havido um aumento significativo, com a maior parte dos empreendimentos localizados no Sudeste e Sul do país, devido ao perfil econômico da região. A criação de vários programas de apoio às incubadoras no Brasil, por parte de agências como a Financiadora de Estudos e Projetos e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, demonstra sua importância (BAÊTA, 1999; DIAS e CARVALHO, 2002).

Na sequência, apresenta-se uma breve introdução dos pressupostos do referencial teórico fenomenologia social.

2 Fenomenologia social

Para Alfred Schütz, idealizador da fenomenologia social, só é possível compreender um fenômeno a partir da **ação social** correspondente ao mesmo, ou seja, o empreendedorismo deve ser investigado segundo a ação empreendedora.

A ação social é a vivência do fenômeno. Assim, tem-se a importância da incubadora de empresas, por essa ser o meio social no qual o empresário incubado desenvolve sua ação empreendedora.

A ação nunca é isolada, desvinculada de outra ação, separada do mundo. Nesse trabalho, observar-se-á ação empreendedora realizada por empreendedores situados na sociedade. Toda ação apresenta horizontes relacionados com a realidade social do executor da mesma. Dessa forma, somente o autor sabe quando começa e termina sua ação, sendo capaz de dizer o porquê de sua existência.

Essa importância conferida pela fenomenologia social à ação se deve a sua origem, uma vez que essa forma de pensamento é resultado da tentativa de Schütz

em utilizar a obra fenomenológica de Edmund Husserl para aprofundar as bases da sociologia compreensiva de Max Weber.

Nesse sentido, Schütz (1972) afirma que a ação social de Weber (1991), conduta humana projetada pelo ator de maneira consciente, tendo um significado subjetivo que lhe dá uma direção e um propósito.

Assim, a ação social se torna um importante eixo de investigação para compreensão dos fenômenos sociais, na medida em que fornece as bases para tipificação ideal dos mesmos. Mas, a partir dessa afirmação surge a indagação: como aprofundar o estudo de uma ação social?

Para compreensão dessa ação social é necessário, primeiramente, conhecer o significado da expressão “possibilidades problemáticas”. Esse conceito relaciona-se com o ato da reflexão desenvolvida pelo homem antes de agir. Tal reflexão leva o homem a suspender sua atitude natural de aceitação perante o mundo, esse passa a perceber que é livre para decidir o curso de sua vida.

Assim, o indivíduo projeta a sua ação no futuro, qual a melhor maneira de executá-la para alcançar o fim desejado. Nesse ponto, ele confronta-se com a dúvida entre as possibilidades existentes para concretização de sua ação.

Destaca-se que as possibilidades problemáticas não são apenas possibilidades em aberto. As possibilidades problemáticas pressupõem contestação, ou seja, as opções se contradizem, cada uma delas tem uma solução diferente e oposta para a resolução de uma questão. Assim, cabe ao ator escolher livremente qual das possibilidades serão concretizadas. A **liberdade** confere à ação um caráter subjetivo. Segundo Schütz (1972, p.96):

... a ação voluntária é o critério da conduta significativa, o “significado” dessa conduta só consiste na escolha: na liberdade para se comportar de uma maneira ou de outra. Isto significa não só que a ação é “livre”, mas que os fins dos atos se conhecem apenas no momento da decisão, em síntese, existe uma livre escolha entre os possíveis fins.

Aprofundando seus estudos sobre a projeção e liberdade de escolhas intrínsecas à ação social, Schütz (1972) verifica a existência de dois tipos de motivos presentes nessa ação, o “motivo para” e o “motivo porque” de sua execução.

Os “motivos para”, geralmente, evidenciam a existência de um projeto de vida do sujeito, uma projeção do futuro, ou seja, a ação está ligada a um plano de conduta. Esse plano é elaborado com base “no acervo de conhecimento ao nosso alcance”, em especial, fundamentado em experiências passadas semelhantes ao projeto atual. Para Gorman (1979, p. 61):

Todos os motivos individuais “para” são formas fragmentárias dentro de um plano preconcebido para toda vida. Esse projeto de

vida nos fornece um critério para determinar subjetivamente a “melhor” escolha em determinadas situações. Em outras palavras, não existem projetos isolados. Todos os motivos “a fim de” e projetos a longo prazo são formados subjetivamente por cada ator livre.

Grande parte dos “motivos para” são projetados através de um processo de idealização particular baseada na idéia de “posso fazer isso novamente”. No mundo da vida utiliza-se do passado para construção de modelos que orientem o alcance dos fins desejados. Ao se introduzir o passado na busca pelos “motivos para” encontra-se as manifestações dos “motivos porque” da ação social. Esses últimos são acontecimentos já concluídos na vida do ator social. Eles explicam certos aspectos da realização do projeto, portanto, têm uma realidade temporal voltada para o que já ocorreu.

Desse modo, os “motivos porque” constituem uma categoria objetiva acessível ao observador. Tais motivos constituem causas objetivas dos projetos humanos, livres e subjetivamente definidos. Sob essa perspectiva, considera-se que a ação empreendedora constitui um projeto, trazendo em si os “motivos para” do sujeito empreendedor e quando realizada permite a atitude reflexiva desse mesmo sujeito, conduzindo o investigador aos “motivos porque” da ação. Assim, verifica-se que a ação social desenvolvida no mundo da vida envolve motivação, racionalidade, planejamento, projeção, liberdade de escolha, e deliberação (SCHÜTZ, 1979).

3 Trajetória da investigação

3.1 Delineamento da pesquisa

Esse trabalho é estruturado a partir de uma abordagem qualitativa de delineamento na linha da fenomenologia social, uma vez que o interesse de pesquisa encontra-se no processo. Segundo Minayo (1998, p.10), a pesquisa qualitativa é

...aquela que incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. O estudo qualitativo pretende apreender a totalidade coletada visando, em última instância, atingir o conhecimento de um fenômeno em sua singularidade.

Nesse sentido, os fenômenos que não prestam a uma fácil quantificação são os mais apropriados para serem analisados por procedimentos da pesquisa qualitativa que, segundo Martins e Bicudo (1989) busca-se, diferentemente da pesquisa quantitativa, uma compreensão particular daquilo que estuda.

O tratamento qualitativo consiste em um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema

complexo de significados. Esse tratamento se caracteriza pela adoção dos seguintes pressupostos:

- Compreensão da perspectiva dos agentes envolvidos no fenômeno;
- Visão holística do fenômeno;
- Consciência da natureza dinâmica da sociedade;
- Observação do contexto natural do fenômeno, sem estabelecimento de controle.

Assim, a base dessa pesquisa é qualitativa e descritiva. A pesquisa fenomenológica parte da compreensão do viver e não de definições ou conceitos, e é uma compreensão voltada para o perceber.

3.2 Sujeitos da pesquisa

De acordo com Minayo (1998, p.43) a pesquisa qualitativa não pode se basear no critério numérico, para poder garantir representatividade. A amostragem ideal é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

Na pesquisa fenomenológica, a escolha dos sujeitos deve tender ao equilíbrio entre singular e universal, pois o objetivo é a descoberta de conhecimentos e não a verificação de hipóteses.

Assim, a “amostragem” é não probabilística. Os pesquisados são seis empreendedores relacionados ao programa de incubação desenvolvido pela Incubadora Tecnológica de Maringá.

O número de sujeitos não foi estipulado previamente pela pesquisadora. O processo de escolha dos depoentes caracterizou-se como não intencional, sendo que todas as empresas incubadas foram convidadas a responder.

Dessa forma, garante-se a validade dos dados, pois os sujeitos de pesquisa estão colaborando com a pesquisa por iniciativa própria, sendo uma escolha pessoal dos mesmos. Além disso, a colaboração espontânea do empreendedor facilita a dinâmica da coleta de dados.

3.3 Locus da pesquisa

A cidade de Maringá abriga diversas instituições de ensino superior, dentre elas destaca-se a Universidade Estadual de Maringá, que juntamente com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Instituto de Tecnologia do Paraná tem se mobilizado para transformar esse município em um pólo de ciência, tecnologia e inovação. Nesse sentido, a criação da INFOMAR – Incubadora Tecnológica de Maringá – foi um passo significativo.

A criação desse empreendimento está relacionada à implantação do Centro Softex Gênesis de Maringá em 1996, ligado ao projeto Softex (Programa Brasileiro de Software para Exportação), o que gerou a formação e fortalecimento de um consórcio entre várias entidades da cidade, visando consolidar esse centro. Posteriormente, o centro Softex Gênesis foi incorporado à incubadora, correspondendo à fase de pré-incubação.

Nessa etapa de pré-incubação, a incubadora de Maringá apóia os empreendedores mais especificamente no processo de criação de novos negócios de base tecnológica. Para isso, esses devem apresentar uma idéia de negócio e uma possível forma de torná-la concreta. Uma empresa permanece nessa etapa pelo período máximo de 24 meses, podendo se instalar em um espaço físico compartilhado e utilizar serviços de infra-estrutura.

Por sua vez, a etapa de incubação visa subsidiar a geração e o desenvolvimento de processos, produtos ou serviços de tecnologia inovadora. Assim, os empresários são treinados, recebendo incentivos para iniciação no mercado. As empresas podem se instalar em um espaço físico individual. Da mesma forma que na pré-incubação, o tempo máximo que a empresa pode ficar incubada é de 24 meses. Assim, observa-se que a incubadora tecnológica de Maringá vem realizando sua atividade de forma a incentivar o empreendedorismo na criação e manutenção de empresas de base tecnológica.

Portanto, a realização da pesquisa na Incubadora Tecnológica de Maringá deve-se a essa constituir um ambiente social passível de se encontrar empreendedores, sujeitos da investigação, conscientes de sua ação empreendedora. Tal consciência garante que a ação empreendedora analisada seja realmente a ação racional orientada para fins, o tipo de ação abordada por Schütz (1972).

3.4 Procedimentos de coleta de dados

Os sujeitos de pesquisa foram entrevistados a partir das seguintes questões:

Questões norteadoras

- Comente aspectos mais significativos de sua vivência como empresário incubado.
- Qual o papel desempenhado pela incubadora de empresas no processo de desenvolvimento da sua ação empreendedora?

O tipo de entrevista empregada é a semi-estruturada. May (2004, p. 148) considera que esse tipo de pesquisa permite que as pessoas respondam aos questionamentos usando os seus próprios termos, o que pode não ocorrer quando submetidas a entrevistas padronizadas. A entrevista na abordagem fenomenológica

não exige uma sequência de passos, mas um posicionamento do pesquisador frente ao fenômeno estudado, orientado para o desvelamento do significado do mesmo.

Carvalho (1991) propõe que em uma entrevista baseada em referencial fenomenológico, o pesquisador adote os seguintes princípios:

- a) observar e analisar sem estar restrito a um enfoque causal;
- b) interpretar compreensivamente a linguagem, visualizando-a como um veículo de transmissão de significados;
- c) captar os movimentos corporais do entrevistado, posto que o corpo também pode revelar aspectos relevantes sobre o ser.

Simão e Souza (1997) afirmam que parte da orientação para se executar uma entrevista fenomenológica refere-se ao estabelecimento da intersubjetividade, na busca pelo “encontro social”, no qual ocorre a troca mútua de percepções. Assegurou-se ao sujeito colaborador o anonimato e confidencialidade em relação à divulgação de sua colaboração. Os sujeitos revisaram sua entrevista após a transcrição. Essas medidas reforçam a validade das informações coletadas, pois conferem ao entrevistado maior segurança e liberdade durante a realização das entrevistas.

3.5 Procedimentos de análise dos dados

Nos dizeres de Spiegelberg (1984) não há uma doutrina filosófica chamada fenomenologia, mas sim um método fenomenológico que é, em primeiro lugar, uma forma de ir contra o reducionismo. O autor traz um elenco dos passos dos métodos usados por vários fenomenólogos, a saber:

1. Investigar os fenômenos particulares.
2. Investigar as essências gerais.
3. Captar as relações essenciais entre as essências.
4. Observar os modos de aparição.
5. Explorar a constituição dos fenômenos.
6. Suspender a crença no fenômeno.
7. Interpretar as significações ocultas.

Geralmente, os três primeiros passos são adotados por praticamente todos os fenomenólogos. Os demais são praticados conforme a orientação filosófica que o pesquisador adotar. Para interpretação dos dados coletados através de entrevistas, emprega-se a abordagem fenomenológica de Sanders (1982). Uma particularidade dessa abordagem é que não existem fases estanques: todo ato de coletar foi também um ato de interpretar.

Para Sanders (1982) existem três componentes fundamentais para a estrutura fenomenológica de pesquisa:

a) *Determinação dos limites “do que” e “quem” deve ser investigado.*

O objeto de pesquisa mais comum à abordagem fenomenológica são os fenômenos que não se prestam à quantificação.

No tocante ao “quem” investigar, Sanders (1982) aponta que deve-se aprender a trabalhar em profundidade com um reduzido número de sujeitos, pois nem sempre a quantidade de sujeitos significa riquezas de informações. Nessa fase, o pesquisador acumula conhecimentos sobre o seu objeto de pesquisa e daquilo que o cerca. Isto significa uma abertura da consciência para o fenômeno.

b) *Coleta de dados*

A coleta de dados deve proceder através da realização de entrevistas semi ou não estruturadas com os sujeitos de pesquisa. O tipo de entrevista se deve ao fato do investigador fenomenológico buscar o aprofundamento das respostas e não um contingente elevado de informações soltas e desconectas.

c) *Análise fenomenológica dos dados*

A análise dos dados deve ocorrer a partir da observância dos seguintes procedimentos:

1. Descrição do fenômeno tal qual está apresentado na transcrição das entrevistas.
2. Identificação do temas que emergem dos relatos. O que identifica um tema é sua importância e centralidade, e não a frequência com que aparece no discurso. Ressalta-se que a fenomenologia permite a identificação *do dito pelo não dito*, ou seja, a temas que podem ser inferidos pelo pesquisador.
3. Junção dos temas em unidades de significação que irão caracterizar a estrutura significativa do fenômeno.

Sanders (1982) ressalta que todo o processo de análise dos dados deve ser pautado na execução da redução fenomenológica ou *epoché*. Essa consiste na busca do fenômeno livre de traços pessoais e culturais, o que levará à obtenção da essência.

Segundo Merleau-Ponty (1994) a redução se dá não para nos afastarmos do mundo em direção à consciência, ao eu puro, mas sim porque sendo do mundo o temos como tão “evidente” e real, que ele acaba por passar sem ser notado.

A abordagem de Sanders (1982) pautada na redução fenomenológica é o caminho trilhado para se desvelar os significados que os sujeitos conferem a sua ação empreendedora.

Resultados

4.1 Apresentação das unidades temáticas

A leitura e análise dos dados evidenciou a existência de 04 unidades de temáticas, a saber:

1. Oportunidade do estabelecimento de parcerias
2. Concessão de credibilidade junto ao mercado
3. Fornecimento de conhecimento técnico-administrativo
4. Estrutura física

É importante destacar que as unidades de sentido só existem em função da perspectiva de quem analisa. Pretende-se descobrir o sentido oculto, desdobrando os níveis de significação aparente. A tabela abaixo expõe as unidades de temáticas:

As unidades de sentido organizadas em categorias e o número dos depoimentos nos quais elas foram identificadas	
Categorias de Unidades Temáticas	Número dos Depoimentos
Oportunidade do estabelecimento de parcerias	1 – 2 – 3 – 5 – 6
Concessão de credibilidade junto ao mercado	1 – 2 – 3 – 5
Fornecimento de conhecimento técnico-administrativo	2 – 3 – 5
Estrutura física	1 – 3 – 4 – 5 – 6

Dando continuidade, foram destacados fragmentos dos depoimentos relacionados com as unidades temáticas com significado para o investigador.

Oportunidade do estabelecimento de parcerias
Relato 1 – “ <i>O que mais pesou na minha decisão para entrar na incubadora de empresas foi a questão das parcerias...</i> ”
Relato 2 – “ <i>O que chamou bastante nossa atenção aqui foi o fato da incubadora ter diversas parcerias, aí... são diversos órgãos aí... que poderiam dar um apoio.</i> ”
Relato 3 – “ <i>Mas como a nossa empresa é uma empresa de... então nós dependemos noventa por cento de um laboratório de..., então também é cedido pra gente via incubadora, numa parceria com a...</i> ”
Relato 5 – “ <i>Faz 12 meses que eu estou aqui no programa. A incubadora ajuda bastante em termos de contato....</i> ”

Oportunidade do estabelecimento de parcerias

Relato 6 – *“Bom, a incubadora é um canal de comunicação, eu diria, de repente com uma pessoa, com outras empresas, com outras áreas. Eu acho que é assim um facilitador dos contatos para as empresas que estão aqui...”*

Concessão de credibilidade junto ao mercado

Relato 1 – *“A gente percebeu que a incubadora poderia abrir mais as portas para o nosso trabalho, para o mercado, comercialização, além de nos dar ajuda, como a questão dos custos que aqui se tornam bem baixos para a gente... Não é tão caro fazer a manutenção nossa aqui...”*

Relato 2 – *“... uma imagem de uma estrutura por trás da nossa empresa. É... foi muito bom para a gente entrar aqui na incubadora, quando a gente entrou a gente deu um salto no produto, acabamos de fazer uma parceria com outra empresa incubada aqui... Então, a gente pegou o produto, já que tava em desenvolvimento, estamos melhorando ele, terminando de desenvolver... e já lançamos no mercado. Então, é uma coisa que a gente planejava para o nosso produto pra daqui a um ano um ano e meio... Como a gente entrou na incubadora veio o acesso à parceria com essa outra empresa e já estamos quase prontos para entrar no mercado de vez, e entramos aqui em setembro... O convívio com os outros empresários nos ajudou bastante...”*

Relato 3 – *“Eu acredito que a incubadora ela... proporciona, como eu poderia dizer assim... ela proporciona uma ambiente favorável, né? Eu acredito assim, que fora da incubadora nós demoraríamos mais tempo para tá no mercado né... A incubadora ajudou a gente a agilizar o processo...”*

Relato 5 – *“Como ela tem um nome e nós que somos pequenas empresas e estamos entrando no mercado, hoje a gente procura sempre manter contatos fortes da incubadora e a gente consegue sempre pegar alguns clientes... alguns trabalhos... assim... algum serviço por causa da incubadora, né?”*

Fornecimento de conhecimento técnico-administrativo

Relato 2 – *“... todos os benefícios que a incubadora pode nos proporcionar, principalmente na parte de comercialização e assessoria dessa parte.”*

Relato 3 – *“Estamos incubados desde setembro, e o aspecto mais significado dessa minha vivência é o socorro na hora que a gente se dá de frente com alguma situação, devido à pouca experiência, a gente não sabe resolver; a gente encontra o respaldo na incubadora, né? E quando eles não podem resolver, pelo menos podem indicar alguém que possa estar conversando, pra você pode tirar sua dúvida e tentar resolver seu problema.”*

Oportunidade do estabelecimento de parcerias
Relato 5 – “Mas a gente acaba por trocar experiências entre mercado, escritório, contabilidade, como funciona, entrada e saída de serviço, a gente tem uma grande dificuldade, pois a gente não tem um conhecimento de administração, um conhecimento técnico. Então, fica meio que um pouco complicado...”
Estrutura Física
Relato 1 – “... a questão dos custos que aqui se tornam bem baixos para a gente... Não é tão caro fazer a manutenção nossa aqui...”
Relato 3 – “... o aspecto mais significado dessa minha vivência é o socorro na hora que a gente se dá de frente com alguma situação, devido à pouca experiência, a gente não sabe resolver; a gente encontra o respaldo na incubadora, né? E quando eles não podem resolver, pelo menos podem indicar alguém que possa estar conversando, pra você pode tirar sua dúvida e tentar resolver seu problema.”
Relato 4 – “Nosso trabalho é... a estrutura física que ela nos oferece é muito boa se a gente tivesse que sair não teria como né, pois o que impede a gente é o custo dos equipamentos de laboratório.”
Relato 5 – “Mais importante entre a incubadora e a empresa, olha além da parceria, eu acho que o espaço físico acaba tendo segurança, que a gente tem por trás da incubadora, acho que é isso...”
Relato 6 – “A estrutura física da incubadora ajuda também, por que é uma sala com ar condicionado, mesa, cadeira, isso facilita para uma empresa que tá começando e não tem nada disso.”

4.2 Síntese das unidades de significação

A análise dos dados coletados, pautada na redução fenomenológica, evidencia que os empresários incubados relacionam sua vivência na incubadora de empresas com as seguintes unidades temáticas: oportunidade de parcerias, credibilidade no mercado, conhecimento técnico administrativo e estrutura física.

Essas unidades revelam que os empresários vislumbram a incubadora como um órgão de apoio em situações que dificultam a realização de sua ação empreendedora, sendo essa significada como a abertura de um novo negócio e desenvolvimento de um produto inédito. Assim, o empresário percebe a incubadora de empresas como um subsídio à execução de sua idéia empreendedora.

Nesse sentido, visto que a ação empreendedora significada pelo empresário relaciona-se com abertura de um negócio e desenvolvimento de um produto inovador, passa-se a investigar os motivos presentes nessa ação.

Os empresários passaram por um período denominado por Schutz (1972) como possibilidades problemáticas na qual tiveram que decidir entre várias opções contrastantes para o desenvolvimento de sua idéia inovadora.

Nessa etapa, observa-se os motivos “para” e os motivos “porque” da ação empreendedora. Os empresários, observando o mundo da vida, tiveram uma idéia inovadora, surgindo o desejo de executá-la.

Nesse cenário, surgem os motivos “porque” da ação, que é o desejo de executar uma idéia inédita. Na sequência, os empresários passam a esperar que essa ideia proporcione sucesso pessoal e social, assim como lucros financeiros, ou seja, o empresário deseja para o futuro colher bons frutos de sua iniciativa. Assim, emergem os motivos “para”, ou seja, sucesso.

Em meio a esses dois motivos o empresário poderia iniciar seu projeto de forma isolada ou procurar apoio para a realização do mesmo. Os empresários incubados são empreendedores que optaram por ingressar em um programa de incubação que fornece apoio estrutural e técnico administrativo para o desenvolvimento de sua ação empreendedora.

Com isso, pode-se observar que a relação incubadora ação empreendedora não é de dependência, pois a idéia inovadora e os motivos de sua execução independem da incubadora de empresas. Por isso, há tantos empreendedores que não passaram por incubadoras de empresas. Contudo, essa emerge como um facilitador ou catalisador da ação empreendedora, pois com os seus contatos, estrutura física, apoio administrativo e de inserção no mercado ela acelera o desenvolvimento da ação empreendedora.

Dessa forma, tal qual em uma reação química, a incubadora de empresas aumenta a velocidade de obtenção dos motivos “para” através da redução de tempo e possíveis dificuldades a serem encontradas pelo empreendedor.

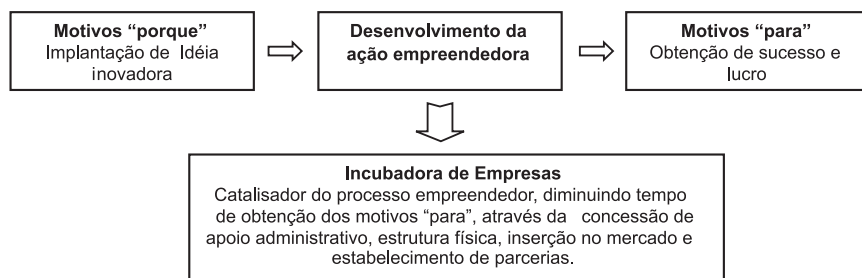


Figura 1 - Relação Incubadora – Ação Empreendedora

Portanto, conclui-se que a partir da ótica de empresários incubados ao programa de incubação de empresas não é condição para a existência da ação empreendedora, mas sim um órgão acelerador. Não é pretensão desse artigo generalizar essa análise, posto que essa é válida para a realidade social da Incubadora Tecnológica de Maringá. Contudo, ressalta-se a importância desse estudo no tocante a todos os seus resultados serem extraídos a partir da visão do próprio agente empreendedor, ou seja, é um estudo que contempla o empresário incubado em toda a sua subjetividade.

Conclusão

A partir da análise fenomenológica dos dados extraídos de entrevistas realizadas com seis empresários incubados na Incubadora Tecnológica de Maringá, foi possível identificar que os sujeitos significam sua ação empreendedora ligada à incubadora de empresas ao relacioná-la às temáticas: oportunidade de parcerias, credibilidade no mercado, conhecimento técnico administrativo e estrutura física.

Contatou-se que esses eixos temáticos revelam que o empresário incubado compreende sua ação empreendedora como o conjunto de atos relacionados à abertura de uma empresa para desenvolvimento de um produto inovador. Assim, o empresário incubado significa sua empresa e produto, já que esses constituem toda a extensão de seu ato empreendedor. A partir dessa compreensão, os eixos temáticos passaram a ser analisados na tentativa de desvelar os motivos presentes na ação empreendedora. Constatou-se que os motivos “porque” da ação empreendedora estão ligados ao desejo de desenvolvimento da ação inovadora, enquanto que os motivos “para” relacionam-se à obtenção de sucesso e lucro.

Dessa forma, conclui-se que o empreendedorismo existe e acontece independente da ação da incubadora de empresas. No entanto, esse órgão tem a capacidade, segundo empresários incubados, de facilitar e aumentar a velocidade do desenvolvimento da ação empreendedora.

Logo, pode-se responder à problemática central (Qual a relação existente entre incubadora de empresas e ação empreendedora, a partir dos significados que empresários incubados na Incubadora Tecnológica de Maringá atribuem a sua ação?) ao constatar que os empreendedores ao significarem **a ação empreendedora**, abertura de um novo negócio para desenvolvimento e um produto, **a partir dos motivos**, desejo de realização de algo inovador para obter sucesso e lucro, *atribuem à incubadora de empresas o papel de catalisadora do processo de desenvolvimento da ação empreendedora.*

Referências

- BAETA, A. M. C. *O desafio da criação: uma análise das incubadoras de empresas de base tecnológica*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CARVALHO, A. S. *Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- DIAS, C.; CARVALHO, L. F. Panorama mundial das incubadoras. In: ARANHA, J. A. *Modelo de gestão para incubadoras de empresas: implementação do modelo*. Rio de Janeiro: Rede de Incubadoras do Rio de Janeiro, 2002.
- DORNELAS, J. C. A. *Planejando incubadoras de empresas*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FURTADO, M. A. T. *Fugindo do quintal: empreendedores e incubadoras de empresas de base tecnológica no Brasil*. Brasília, DF: SEBRAE, 1998.
- GORMAN, R. A. *A visão dual: Alfred Schütz e o mito da ciência social fenomenológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEMONS, M. V. *O papel das incubadoras de empresas na superação das principais dificuldades das pequenas empresas de base tecnológica*. 1998. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências em Engenharia da Produção) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MAY, T. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC- ABRASCO, 1998.
- NBIA. *NBIA founders awards*. Disponível em: <http://www.nbia.org/resource_center/what_is/founders_awards/mancuso.php>. Acesso em: 4 jan. 2006.

NASSIF, V. M. J.; CARMO, R. M. Incubadoras de empresas e a capacidade empreendedora das pessoas. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília, DF. *Anais...* Brasília, DF: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.

SALOMÃO, J. R. *As incubadoras pelos seus gerentes: uma coletânea de artigos*. Brasília, DF: ANPROTEC, 1998.

SANDERS, P. Phenomenology: a new way of viewing organizational research. *Academy of Management Review*, Amherst, v. 7, n. 3, p. 353-360, 1982.

SCHÜTZ, A. *Fenomenologia del mundo social: introduccion a la sociologia comprensiva*. Buenos Aires: Paidós, 1972.

SCHÜTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMÕES, S. M. F.; SOUZA, I. O. Um caminhar na aproximação da entrevista fenomenológica. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v, 5, n. 3, p. 13-17, jul. 1997.

SPIEGELBERG, H. *The phenomenological movement*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1984.

STAINSACK, C. *Estruturação, organização e gestão de incubadoras*. 2003. 113 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia comprensiva*. Brasília, DF: Ed. da Universidade de Brasília, 1991.

Recebido: 15/02/2008

Aprovado: 16/02/2009